

Patrimônio cultural e educação estética: os sentidos da cidade na percepção de docentes

Cultural heritage and aesthetic education: the meanings of the city in the perception of teachers

Hugo de Melo Rodrigues¹
Universidade Estadual do Ceará - UECE

José Albio Moreira de Sales²
Universidade Estadual do Ceará- UECE

Cicera Sineide Dantas Rodrigues³
Universidade Regional do Cariri - URCA

Resumo

A relação entre patrimônio cultural e educação estética na formação de professores é o tema central deste estudo. Assim, a presente pesquisa buscou conhecer a concepção de docentes do ensino básico sobre patrimônio cultural; além de identificar aspectos reflexivos da docência, emergentes do ato de sentir a cidade, por meio de uma atividade em que os participantes caminharam pelas ruas de olhos vendados. Com base na abordagem qualitativa de pesquisa, optou-se pelo método da pesquisa-ação colaborativa. A formação experienciada promoveu reflexões importantes sobre o patrimônio cultural. Considera-se a relevância de integrar discussões sobre patrimônio cultural e educação estética nos currículos da formação inicial e continuada de professores, norteando-se por paradigmas que valorizem dimensões éticas, estéticas e colaborativas.

Palavras-chave: Patrimônio cultural, Cidade, Formação de professores, Formação estética.

Abstract

The relationship between cultural heritage and aesthetic education in teacher education is the central theme of this study. Thus, the research sought to understand the conception about cultural heritage by basic education teachers, and to identify reflexive aspects of teaching, emerging from the act of feeling the city, employing an activity in which participants walked the streets blindfolded. The collaborative action research method was chosen, based on the qualitative research approach. The experienced training promoted important reflections on cultural heritage. The importance of integrating discussions on cultural heritage and aesthetic education in the curricula of initial and continuing teacher education is considered, guided by paradigms that value ethical, aesthetic and collaborative dimensions.

Keywords: Cultural heritage, City, Teacher training, Aesthetic training.

¹ Doutorando em Educação da Universidade Estadual do Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2356-4290>. E-mail: hugode@hotmail.com.

² Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil (2001). Professor da Universidade Estadual do Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2521-6364>. E-mail: albio.sales@uece.br.

³ Doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, Brasil (2016). Professora Adjunta da Universidade Regional do Cariri, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7131-4707>. E-mail: cicerasineide@hotmail.com.

Introdução

O movimento de sentir a cidade possibilita aos professores perceberem elementos importantes que ajudam a formular reflexões sobre a própria docência. A cidade e seu patrimônio cultural transformam-se, assim, em fontes significativas de saberes e aprendizagens docentes, ocasionando reflexões que permitem enxergar a profissão entrelaçada com a dimensão do sentir. Com base nessa compreensão, a presente pesquisa buscou discutir sobre patrimônio cultural na relação com a formação estética de professores do ensino básico. As reflexões partiram do interesse em entender os sentidos que professores atribuem ao patrimônio cultural, com enfoques para a cidade de Barbalha, no Ceará, lugar em que moram e exercem a docência.

Vale registrar que Barbalha é um município brasileiro localizado na Região Metropolitana do Cariri cearense, no sul do estado do Ceará, com aproximadamente 500 quilômetros de distância da capital, Fortaleza. Barbalha possui 175 anos de emancipação política e é formada por grupos da Cultura Popular, a exemplo do Reisado de Couro, Reisado de Congo, Lapinha, Quadrilhas Juninas, Sociedade dos Poetas de Barbalha e Escola de Saberes.

Nesse município, há 40 edificações inventariadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e dois prédios tombados pelo governo do estado do Ceará. O município foi palco de instituições centenárias, tais como o Gabinete Real de Leitura e a Liga Barbalhense contra o Analfabetismo. Há ainda o grupo secular dos penitentes e o carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio⁴, que se tornou referência cultural em todo o país.

Com seu rico patrimônio cultural, compreendemos a cidade de Barbalha como lugar que educa, tendo em vista o conceito amplo de educação, vista como toda e qualquer forma de aprendizagem que ocorre em diferentes contextos e espaços culturais. Nesse sentido, entendemos que a própria cidade pode ser considerada como espaço cultural de formação humana, pois suas construções e manifestações exercem papel transformador na vida de seus habitantes. As marcas históricas

⁴ Festa realizada em Barbalha, cidade cearense, em que os moradores, após escolherem uma árvore, cortam e carregam-na em cortejo para a fixarem em frente à igreja matriz da cidade em festividades realizadas em louvor a Santo Antônio, padroeiro da cidade. Em 2015, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e inscrita no Livro de Registro das Celebrações pelo Iphan.

presentes nos diversos cantos da cidade contam histórias de um lugar socialmente construído, fruto da ação humana em um passado remoto ou contíguo, que passa a fazer parte da memória contada e recontada em narrativas prenes de diferentes sentidos e significados expressos pelas pessoas que habitam o lugar.

Refletimos, então, que a cidade “[...] é construída dependendo de quem a olha, gerando assim muitas cidades dentro de uma mesma, com origem num elemento importante, que é a memória” (FRANÇA, 2017, p. 34). O pensamento exposto converge com a ideia de Freire (1997, p. 23) ao afirmar que a cidade é “cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita que lhe damos”. A cidade é vista como importante patrimônio cultural, que tem implicações na formação estética dos seus moradores.

Neste artigo, tratamos especialmente da relação entre a educação patrimonial e a formação estética dos professores do ensino básico, percebida como um caminho de aproximação entre os docentes e as heranças culturais do lugar em que moram, ajudando a entender os sentidos e os significados que estes atribuem a cidade como patrimônio cultural transformado e em transformação permanente.

Nessa perspectiva, entendemos que a internalização do conhecimento ultrapassa as paredes das salas de aula. Para fazer sentir e pensar de forma mais intensivamente humana, a instituição escolar deve explorar os espaços que estão ao seu redor, percebendo suas múltiplas possibilidades. Nessa direção, é importante que os professores compreendam a cidade como construção social, prene de conhecimentos, crenças e valores historicamente elaborados.

Instigados por essas ideias, percebemos que a cidade de Barbalha possui muitos espaços educativos, edificações que carregam histórias, saberes e conhecimentos, assim como as manifestações vivenciadas por diversos grupos culturais. Tudo isso se constitui como educação patrimonial, que se articula a formação estética dos seus moradores.

Desse modo, neste estudo, desenvolvemos a discussão sobre patrimônio cultural e formação estética, tomando por base a experiência de professores, na busca por dimensões e relações que articulam patrimônio cultural e docência. Tecemos um exercício de olhar para a cidade a partir da escola, logo, priorizamos a

leitura de espaços do entorno da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar, lugar de trabalho dos colaboradores e *lócus* da pesquisa/formação da qual esta investigação faz parte. O estudo abrange atividades de formação estética, desenvolvida por integrantes do grupo de pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História (Iarteh), vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O objetivo central desta investigação é discutir as concepções de docentes de Barbalha sobre patrimônio cultural e identificar aspectos reflexivos acerca da docência emergentes de experiências estéticas na cidade, implementadas, principalmente, por meio de propostas/atividades sensoriais promovidas na investigação. Uma destas experiências consistiu em realizar percursos de caminhar por espaços da cidade de olhos vendados, com o intuito de incentivar os professores a interagirem com elementos do patrimônio cultural de Barbalha, com vistas em perceber as interpretações que atribuem ao lugar que habitam.

O texto está organizado nesta seção introdutória, seguida de uma parte discursiva sobre patrimônio cultural, outra que trata sobre a formação estética de professores, categorias teóricas centrais desta pesquisa. Os procedimentos metodológicos constituem outra seção desta composição textual. Depois, apresentamos os resultados e discussões dos achados da pesquisa em dois momentos. No primeiro, abordamos as concepções dos professores sobre patrimônio cultural, com enfoques sobre a cidade de Barbalha. No segundo momento, refletimos sobre os sentidos da docência que emergiram a partir do (des)vendar da cidade através dos olhares dos docentes participantes da pesquisa. Finalizamos com a seção das considerações finais.

A pesquisa é um convite para refletirmos sobre a docência como um campo de múltiplas possibilidades formativas, sobretudo ao observarmos que a aprendizagem docente resulta de fontes amplas e imprevisíveis de saberes. Nesse contexto, vislumbramos que a cidade é patrimônio cultural formativo da docência, pois se caracteriza como relevante espaço educativo de formação estética, que potencializa a sensibilidade e a reflexão sistemática da docência.

Patrimônio cultural

A palavra “patrimônio” vem do latim *patrimonium* e remete à “propriedade herdada”. Pode-se considerar como patrimônio os bens herdados da relação estabelecida do ser humano com o meio ambiente e com o seu semelhante. Ao ser acompanhado da palavra cultural, é atribuído de um valor de destaque no que se refere aos elementos culturais de uma determinada sociedade (CHOAY, 2006).

A princípio, o patrimônio cultural é entendido como uma construção materializada pelos monumentos e prédios que carregam uma história, a qual, devido à sua importância para a sociedade, deve ser respeitada e preservada. Constitui-se também em uma herança natural. Pode ser ainda um bem material ou imaterial. Na verdade, o patrimônio se refere a tudo o que foi deixado pelos nossos semelhantes e pelos nossos antepassados. De acordo com Henning (2021), as modificações no modo de conceber o patrimônio cultural acompanham as transformações sociais e culturais, refletindo-se na maneira como os grupos sociais interagem com suas manifestações.

A importância atribuída aos diferentes modos como as pessoas interagem e concebem o patrimônio cultural permite compreendermos que o patrimônio arquitetônico pode sofrer poucas alterações no decorrer do tempo, no entanto, o mesmo “não ocorre com os valores, significados e funções que são atribuídas a ele” (HENNING, 2021, p. 68). O patrimônio representa a história e a cultura de um povo e se faz presente na memória social.

A ideia anterior de patrimônio se relaciona diretamente com o conceito de monumento, palavra originada do latim *monumentum*, derivado do termo *memore*, que significa lembrar alguma coisa. Nessa perspectiva, o termo relaciona-se historicamente com o tempo passado sendo lembrado no presente, como a manutenção da identidade e memória de uma determinada pessoa, de um acontecimento, de um tempo e de um lugar. O monumento, geralmente, é erguido para fins de homenagear pessoas, lugares e feitos. Para simbolizar essa relação, o monumento é definido como:

[...] tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da

afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente [...] (CHOAY, 2006, p. 18).

O monumento é fortalecido pelo seu valor simbólico de representação da memória, dos fatos e da trajetória de pessoas que foram marcantes para a história da cidade. Preservar a memória de pessoas, lugares e acontecimentos por meio dos monumentos é uma forma de reconhecimento, de cancelar o que passou e tornou-se digno de ser memorável e preservado como manifestação de saberes culturais e sociais elaborados historicamente. A memória está impressa no patrimônio cultural e se constitui em “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades [...]” (LE GOFF, 1981, p. 57).

Na Constituição brasileira de 1988, no artigo 216 é patente a concepção da memória como aspecto nuclear do patrimônio cultural, especialmente, ao considerar que o:

[...] patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 216).

Observamos que a Constituição brasileira reconhece que o patrimônio cultural do povo brasileiro compõe a sua identidade e diversidade cultural, podendo tornar-se um relevante fator de desenvolvimento, promoção do bem-estar social e fortalecimento da cidadania.

Ao pensarmos a amplitude do conceito, fica nítida a necessária preservação para que as futuras gerações possam usufruir desses bens, a partir de suas formas particulares de interação com o patrimônio cultural difundido ao longo das gerações. Preservar é uma questão individual e coletiva, passa pela noção que temos sobre patrimônio e pelos diferentes modos de ver as manifestações culturais materiais ou imateriais. A educação patrimonial, assim, é entendida como:

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

O trabalho educacional necessita ser centrado em práticas que envolvam a aquisição de um processo de conhecimento, apropriação e valorização do patrimônio, o que envolve também a ideia de paisagem cultural (SALGADO, 2017). Neste viés conceitual, quando os moradores de uma localidade reconhecem o lugar em que vivem como manifestação identitária, essa paisagem passa a ser ressignificada na perspectiva estética e como bem cultural, ou seja, como “elemento com características sociais, históricas, artísticas e culturais a ser preservado para as próximas gerações como testemunho de suas tradições, sejam estas físicas ou simbólicas” (SALGADO, 2017, p. 15).

Caracterizar o patrimônio cultural como um fenômeno que representa a própria existência dos seres humanos no mundo, nos faz reconhecê-lo como elemento educacional capaz de ser ensinado e aprendido na esfera dos espaços educacionais, escolares e não escolares.

Com foco nas discussões elencadas, nosso propósito foi desenvolver reflexões sobre a relação entre o patrimônio cultural de Barbalha na experiência estética de professores do ensino básico. A seguir, compartilhamos algumas discussões sobre formação estética docente, outra relevante categoria do nosso trabalho.

Formação estética de professores

Para refletirmos sobre o patrimônio cultural na formação estética de professores, antes é preciso dizer o que se entende por educação estética. Nesse sentido, esclarecemos que embora a palavra estética nos remeta ao campo da filosofia, aqui, emprestamos a ela um significado mais pragmático, trazido do campo das artes, mais precisamente da pesquisa em educação em arte. Isto é, tratamos da estética enquanto algo experiencial, o que faz desse fenômeno elemento de discussão no campo da educação (LOPONTE, 2017).

Para tornar mais claro a concepção de educação estética, podemos dizer que ela se distingue da educação artística, pois esta pretende oferecer uma formação em arte, de caráter instrumental, enquanto a educação estética está no âmbito da formação humana de uma maneira mais ampla. Portanto, a educação estética tem como objetivo final a formação da dimensão sensível-cognitiva tanto no âmbito das artes como da cultura (SALES; ARRAIS; FARIAS, 2014).

Entendemos que a atribuição de sentidos às experiências socialmente constituídas é a base que faz aflorar a dimensão estética do sujeito social. Ao tratarmos sobre a experiência interligada à formação estética, concordamos com Larrosa (2014, p. 25) ao afirmar que:

[...] a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nessa reflexão, é perceptível a necessidade de constituirmos uma relação dialógica entre o patrimônio cultural e a formação estética, tendo em vista a busca de caminhos para educar o olhar e aguçar os sentidos, reconhecendo a relação dialética entre o homem e o mundo, expressos nos significados construídos na interação entre o sujeito e o objeto.

Com base nessa compreensão, para evidenciar a relação entre patrimônio cultural e formação estética de professores, no desenvolvimento desta pesquisa foram realizadas atividades sensíveis e reflexivas para aguçar o olhar estético dos docentes sobre o patrimônio cultural de Barbalha, partindo de suas experiências e dos sentidos atribuídos a esse contexto educativo.

Na pesquisa realizada, consideramos muitas vezes aquilo que não tinha como ser dito, o indizível. Mas que, de alguma forma, se manifesta em desenhos, diários, caminhos, mapas e imagens, estabelecidos pelas formas, linhas, curvas, cores, texturas, constituídos em espaços de memória, da imaginação que se forma pela natureza do sensível, ao suscitar nos docentes a noção de que o patrimônio cultural

é algo presente no seu cotidiano e pode ser (des)vendado com sua sensibilidade em ler o espaço circundante. Nesse processo, tivemos a arte como importante aliada. Essa dimensão dialoga com todos os campos do saber e integra a constituição humana em toda a sua complexidade.

Ao nos debruçarmos sobre o tema da formação estética dos professores, compreendemos, igualmente, que a formação docente, de uma maneira geral, é um campo complexo, multidimensional e aberto. Portanto, é constituído por diferentes etapas e fontes de aprendizagens que se entrelaçam e integram a diferentes experiências e saberes.

Nessa perspectiva, destacamos que a formação inicial é uma das etapas da formação docente. Ela se refere a gênese da constituição da profissão, mas, isoladamente, não determina a constituição do “ser professor”. Esta importante etapa da formação docente não se desvincula da formação continuada.

A formação continuada ocorre ao longo da vida do professor, sendo tecida no exercício da profissão, à medida que se constitui com base nas experiências formativas múltiplas vividas no cotidiano da docência, sejam elas formais ou não. Essa etapa formativa se funda na perspectiva de que o professor produz saberes e valores de acordo com seus conhecimentos e experiências, de forma autônoma e reflexiva (NÓVOA, 1995). Nessa discussão, consideramos que o patrimônio cultural da cidade pode se articular, principalmente, ao saber experiencial dos professores. Este tipo de saber pode ser definido como:

O saber próprio da identidade do docente construído no interstício de sua práxis social cotidiana como ator social, educador e docente em interação com outros sujeitos e em relação com a pluralidade dos demais saberes docentes disponíveis. Nesta ótica, o saber de experiência do docente ultrapassa o limite dos conhecimentos adquiridos na prática da profissão e inclui aquilo que alguns autores qualificam de saber cultural (THERRIEN, 1993, p. 4).

Ao nos reportarmos aos saberes docentes, entendemos que, além dos saberes experienciais, podem ser destacados os saberes curriculares, os saberes disciplinares e os saberes de formação profissional. Nessa direção, é importante destacar que “[...] o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo [...] provenientes de várias fontes e, provavelmente, de natureza diferente [...]” (TARDIF, 2006, p. 18). A cidade e seu patrimônio constituem importantes fontes dos saberes

culturais dos professores, através de seu olhar sensível, dos sentidos que atribuem à cidade em que eles vivem e trabalham. Sobre o sentido, podemos dizer que:

[...] em torno da palavra sentido constela-se um bom número de referência à capacidade humana de apreender a realidade de modo consciente, sensível, organizado e direcionado. [...] em que pese a duplicidade de termos, convém mesmo notar que em nossa vida existe primordialmente um sentido no sentido. Ou seja, tudo aquilo que é imediatamente acessível a nós através dos órgãos dos sentidos, tudo aquilo que é captado de maneira sensível pelo corpo, já carrega em si uma organização, um significado, um sentido (DUARTE JÚNIOR, 2003, p. 12).

Nesta pesquisa, realizamos exercícios para estimular a imaginação e aguçar os sentidos de docentes do ensino básico, tendo em vista o propósito de pensarem sobre o patrimônio cultural da cidade de Barbalha. Em um desses exercícios, os docentes caminharam de olhos vendados por espaços da cidade, buscando sentir sua terra natal, percebendo-a como lugar onde vivenciam múltiplas experiências pessoais e profissionais. Nesse processo, compreendemos que a apropriação de saberes envolve a razão e a emoção, por meio de uma educação estética e da sensibilidade, que envolve a dimensão estética e identitária dos professores.

Refletir sobre a dimensão estética como saber fundamental à constituição identitária do professor não é uma tarefa fácil, em principal porque, geralmente, não aparece como preocupação nos currículos dos cursos de licenciatura. Este trabalho permite pensar sobre a importância de discutirmos o conceito de “estética da educação” (DUARTE JÚNIOR, 2009) a partir do olhar de docentes sobre a cidade como patrimônio cultural.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa se fundamentou em uma abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). É válido dizer que a abordagem qualitativa oferece possibilidades fecundas de interpretação do fenômeno pesquisado. Para a definição da abordagem, consideramos o fato de ser uma investigação com professores da educação básica sobre educação estética e patrimônio cultural.

O estudo foi desenvolvido na modalidade da pesquisa-ação colaborativa (BARBIER, 2007; FRANCO, 2005). A pesquisa-ação colaborativa, de acordo com

Franco (2005, p. 485), une pesquisa e ação que “[...] podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática”.

Sobre a pesquisa-ação na educação, Ibiapina (2008) diz tratar-se de modalidade de pesquisa com o propósito de transformar as escolas em comunidades críticas de professores que problematizam, pensam e reformulam práticas, com vistas à emancipação profissional. São investigações que assumem o investigar com o professor. No desenvolvimento da metodologia, consideramos as seguintes etapas: planejamento, ação, observação, reflexão e nova ação (BARBIER, 2007), que foram realizadas de forma colaborativa com os docentes envolvidos na pesquisa.

A implementação da ação-investigação

As ações foram desenvolvidas através de encontros organizados no Círculo Estético-Dialógico, o que permitiu um trabalho colaborativo e reflexivo. (MELO-RODRIGUES, 2016). Essa proposta de trabalho é parte de nossa aproximação com a perspectiva dos Círculos de Cultura, realizados nos movimentos dialógicos de educação popular, inspirados por Paulo Freire. (ALMEIDA, 2008).

O trabalho com a categoria da educação estética associada à proposta do Círculo Dialógico é parte de nosso envolvimento com arte, docência e patrimônio cultural de Barbalha, através da qual discutimos os sentidos que o patrimônio cultural desta cidade provoca nos docentes. Escolhemos como *lócus* da investigação a Escola de Ensino Fundamental Senador José Martiniano de Alencar. A escolha aconteceu mediante o fato de ser uma edificação escolar de importante significado para Barbalha, especialmente por ter sido a primeira escola pública estadual no município, atualmente, a mais antiga ainda em funcionamento.

Oito professores do ensino básico colaboraram com esta pesquisa. Durante o estudo, buscamos compreender os significados que eles atribuem ao patrimônio cultural de Barbalha e os sentidos expressos sobre a docência a partir do (des)vendar da cidade. A partir de uma atividade colaborativa, em que os docentes andaram de olhos vendados por espaços da cidade que circundam a escola em que trabalham.

Os professores foram identificados pela letra “P”, correspondente à primeira letra da palavra “professor”, seguida de uma numeração crescente, conforme a quantidade de docentes participantes, de forma a não revelar sua identificação, preservando o anonimato.

Ao iniciarmos a pesquisa, desenvolvemos um questionário para fins de identificação e caracterização do perfil dos colaboradores. A seguir, realizamos uma entrevista semiestruturada para conhecer a concepção dos professores sobre patrimônio cultural. Além disso, construímos o curso investigativo-formativo através de encontros que ocorreram por meio do Círculo Estético-Dialógico. Dentre outros instrumentos, utilizamos o diário formativo, em que os docentes registravam seus relatos sobre as experiências vividas no curso.

Com base nos questionários, observamos que todos os colaboradores residem em Barbalha. A faixa etária do grupo varia de 30-39 anos (4) e de 40-49 anos (4). Quanto à formação, sete são licenciados e um estava cursando a licenciatura no período da realização da pesquisa. Dos sete com licenciatura, dois possuem mais de uma graduação. As áreas dos cursos de licenciatura concluídos são: Geografia, Letras e Pedagogia. As universidades em que se graduaram foram: Universidade Regional do Cariri (Urca), Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) e Universidade Federal do Ceará (UFC). Quanto à maior titulação, cinco possuem especialização e os demais a graduação.

O tempo de atuação na docência ficou assim distribuído: 5 a 10 anos (5); 10 a 15 anos (2); mais de 15 anos (1). Sobre a carga horária de trabalho: um turno (1); dois turnos (6); e três turnos (1). No geral, as disciplinas lecionadas são Estudos Regionais, Geografia, História, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Música e Religião.

Como evidenciamos, para a concretização da pesquisa-ação, realizamos um curso investigativo-formativo, que denominamos de Círculo Estético-Dialógico. Realizamos seis encontros com os docentes. Cada encontro foi tecido como um Círculo de Diálogos acerca dos saberes culturais corporificados na leitura e na prática dos professores. As atividades realizadas proporcionaram um contato direto dos participantes com elementos do patrimônio cultural de Barbalha, estimulando-os a se debruçarem sobre a cidade.

Desse modo, efetivamos múltiplos exercícios dinâmicos e colaborativos durante o curso⁵. Neste artigo, abordamos os resultados produzidos com base na entrevista semiestruturada e em uma das atividades do Círculo Estético-Dialógico, em que os professores andaram de olhos vendados por pontos específicos da cidade que circundam a escola em que trabalham. Essa atividade aguçou o olhar dos docentes sobre aspectos do patrimônio cultural de Barbalha, ao mesmo tempo em que provocou sentidos importantes sobre o trabalho docente e o papel educativo que desempenham como educadores nesta cidade.

Concepções dos professores sobre patrimônio cultural: enfoques sobre Barbalha

A princípio, buscamos conhecer, por meio de uma entrevista semiestruturada, as concepções dos professores acerca de patrimônio cultural. Eles expressaram a ideia de patrimônio como uma construção que agrega valores e que guarda a história de um povo. Sobressaiu ainda a ideia de patrimônio como pertencimento. Além disso, caracterizaram o patrimônio cultural como uma herança cultural produzida pelo homem, seja material ou imaterial, que recebemos e que precisamos preservá-la. A concepção de patrimônio cultural foi relacionada também aos registros desse patrimônio através da arte e à ideia de que cada geração vai atribuindo um novo valor, um novo significado e preservação desse registro.

Para P2, o patrimônio cultural “[...] *é toda herança cultural que a sociedade carrega ao longo dos anos, do passar do tempo e que vem tentando fazer com que ela não se acabe, não venha entrar em extinção*”. É o que também podemos constatar nas falas adiante:

Patrimônio cultural é tudo aquilo que a gente consegue registrar através da arte, a exemplo de uma construção arquitetônica de um prédio, onde vão estar guardados traços, características que, com o decorrer do tempo, vão adquirindo valores para uma determinada comunidade, e esses valores vão se enquadrando em uma determinada cultura, a exemplo da cultura europeia, onde se tem o registro de várias épocas da existência humana e cada época à sua característica, que vai conseguindo definir traços de que aquelas pessoas que vivenciaram aquela época foram se desenvolvendo e

² As atividades gerais realizadas nos encontros do Círculo Estético-Dialógico foram: (1) Carta docente; (2) Chão escolar; (3) Cidade imaginária; (4) Citações de textos; (5) Desenho; (6) Diário formativo; (7) Entre ruas e imagens; (8) Leitura e análise de texto; (9) Olhos vendados; (10) Patrimônio afetivo; (11) Tirinhas pedagógicas e recortes; (12) Varal de imagens; (13) Vídeo documentário e (14) Criação de um grupo no Facebook. Fizemos registro filmado e fotográfico dos encontros.

marcando épocas posteriores, e a sociedade atual vai conseguindo perceber esses diferenciais [...] patrimônio cultural seria justamente isso e, acima de tudo, buscar essa preservação desse patrimônio (P5).

É toda uma história construída por uma comunidade que merece ser respeitada. E, quando a gente fala em patrimônio, a gente pensa logo nos monumentos, na questão cultural de cada localidade, valores de uma comunidade, incluindo principalmente os valores de cada família [...] (P6).

Com foco nos significados expressos pelos docentes, solicitamos que identificassem e caracterizassem o patrimônio cultural barbalhense. Sobre os destaques acerca do patrimônio cultural de Barbalha, o carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio foi considerado como o bem patrimonial mais expressivo, seguido da Igreja do Rosário e as das edificações históricas da cidade.

Barbalha também é carinhosamente chamada de terra dos verdes canaviais, como destacou P7, quando disse: “*Quem vem a Barbalha se indaga: ‘Por quê? Por que Barbalha é chamada de terra dos verdes canaviais?’.* ‘*Ora, meu amigo, deixe de pressa e repare ao seu redor!*’”. Foi com saudosismo que P8 trouxe recordações do verde da cana-de-açúcar, dos carnaubais e dos coqueiros, afirmou que, pela força da poesia, a história dessa cidade ressurgirá:

Nesta cidade, haverá tanto verde quanto havia antes na terra dos verdes canaviais, enriquecida com carnaubais. Terra de tantas fontes de águas límpidas, cristalinas. Coqueiros enriqueceram o nosso passado e retornarão expressivamente. A poesia permanecerá. A história outrora contada ressurgirá.

Foi possível perceber que a história da cidade pode ser contada em sala de aula, a exemplo da história das edificações do município, principalmente aquelas que foram construídas no período da monarquia, pois para P2:

Muitas casas foram construídas no final do século XIX, quando ainda tínhamos uma monarquia. A gente acaba descobrindo que todo aquele conteúdo que a gente trabalha em sala de aula tem muito a ver com o que nós olhamos aqui na cidade. Nossa cidade tem muita riqueza cultural, e isso precisa ser explorado.

Porém, um dos colaboradores lembrou que a conservação do patrimônio cultural de Barbalha vai depender do conceito que as pessoas possuem desse patrimônio e que, se não houver um trabalho nesse sentido, muitos desses prédios podem ser demolidos para dar lugar a lojas e prédios modernos. Para ele:

A conservação desses espaços depende do conceito, da ideia que as pessoas têm sobre esses espaços. Se eles não valorizarem, não veem da forma que a gente vê essa conservação, daqui a algum tempo, os interesses sobre esses monumentos vão se modificar de acordo com o comércio, e aí podem ser demolidos de alguma forma, para construção de algum prédio, que é o caminho da maioria das cidades, para os prédios mais modernos e lojas mais modernas (P3).

Houve, por parte dos professores, o reconhecimento de que Barbalha tem um vasto patrimônio cultural, natural, histórico e social. Até então, muito desse patrimônio não era percebido por eles. Nesse sentido, relataram que o curso formativo-investigativo realizado lhes proporcionou uma aproximação com esse patrimônio circundante. Sobre essa questão, P6 assim se posicionou:

A nossa cidade tem um vasto patrimônio cultural e não percebemos. Essa formação estética-docente nos possibilitou um novo olhar sobre a cidade. Esse trabalho aqui nós podemos fazer com os alunos. É tanto que eu passei por mais de 20 anos nessa rua e nunca tinha me deparado com tanta riqueza cultural. Em um pequeno percurso, foi possível registrar bastantes prédios históricos que contam a nossa história, coisa que a gente nunca tinha observado [...] nós não temos registro da nossa história. O único lugar que se colhe aqui para informação é ainda a Igreja e alguns moradores que conhecem a nossa história.

Foi importante perceber que esse exercício de conhecer melhor o patrimônio cultural da cidade irá repercutir na prática pedagógica dos professores colaboradores. Além de possibilitar uma atribuição de sentidos para a docência, a partir da leitura que fazem da cidade, como constatamos na atividade descrita adiante.

Sentidos da docência no (des)vendar de Barbalha: olhares dos professores

Discutiremos sobre as reflexões decorrentes do exercício denominado *olhos vendados*, uma das atividades realizadas em um dos encontros do Círculo Estético-Dialógico, com vistas a compreender como os professores sentem a cidade em que moram. Nesse processo, emergiram atribuições de sentidos à docência, a partir do (des)vendar da cidade.

Inicialmente, foram formadas quatro duplas, sendo que um dos integrantes da dupla teve os olhos vendados e foi conduzido a andar por ruas da cidade de Barbalha, trocando a posição com seu parceiro em um segundo momento. O guia escolhia o trajeto a ser feito, que devia ser delimitado aos arredores da escola

Senador Martiniano. Vale registrar que nas imediações da escola há duas praças; a igreja do Rosário; o prédio da Faculdade de Medicina; o hospital São Vicente de Paula; e a Rua do Vidéo, um dos trechos principais em que ocorre o carregamento do pau da bandeira, da festa de Santo Antônio.

Um dos propósitos de utilizarmos a metodologia de vender os olhos para passear por espaços das imediações da escola era, principalmente, a possibilidade de criarmos estratégias vivenciais fundadas na experiência dos sentidos, de olhos vendados, os professores em colaboração utilizaram outros para além da visão. Fomos motivados pela potencialidade da experiência dos docentes explorarem esteticamente pontos culturais próximos à escola em que trabalham. Com o intuito de fazê-los sentir espaços que, possivelmente, atravessam de olhos abertos todos os dias e não os percebem, pois o automatismo do cotidiano muitas vezes não permite sentir e vivenciar essa experiência estética.

Antes da caminhada pela cidade, assistimos ao vídeo-documentário *Janela da alma*, proposto pelos colaboradores, dirigido por João Jardim e Walter Carvalho. O documentário está centrado em torno da sensibilidade do olhar humano, permitindo entender que é preciso ver além do que os olhos enxergam.

Após assistirem ao vídeo, os educadores analisaram que é preciso enxergar o mundo pelas lentes do (in)visível, constituído por aquilo que não podemos ver claramente, a não ser que haja uma parada estética e reflexiva para enxergar o que está além das aparências físicas da cidade.

Depois de caminharem pela cidade de olhos vendados, os colaboradores, de maneira espontânea, fizeram analogias do exercício com a própria docência, com sentidos sobre a importância da construção de um novo olhar profissional que possibilite ver a prática docente além das aparências. Também refletiram sobre a necessidade de respeitarmos o aluno e exercitarmos a nossa sensibilidade para o que não enxergamos de imediato na relação com os discentes. Assim se manifestou P1 sobre a experiência ora discutida:

[...] Através desta atividade, percebi a minha resistência ao novo, ao “desconhecido” aos olhos. Confesso que inicialmente não me senti confortável com a situação e até tentei resistir, porém meu colega permitiu que eu o conduzisse. Então, me ponho a refletir, como tantas vezes nós, professores, não respeitamos os limites do aluno em algumas atividades. Como é possível nos limitarmos somente ao que os olhos nos permitem ou

nós nos permitirmos enxergar? Como é possível não explorar nossos outros sentidos? Até que ponto valorizamos esse olhar em sala de aula?

Outro colaborador também relatou que, quando conduziu o colega que estava de olhos vendados, pensou em sua prática em sala de aula, nos momentos em que conduz o aluno ao caminho da aprendizagem, processo em que alguns acabam desistindo. Ele disse que a atividade despertou a reflexão sobre se realmente estava sendo uma condução segura para o processo de aprendizagem do seu alunado.

A minha experiência como acompanhante do meu colega (vendado e com muito medo) me fez refletir sobre minha prática pedagógica em sala de aula, quando tenho a responsabilidade de conduzir meus alunos para um caminho que é seguro e de sucesso e estes terminam desistindo no meio do caminho ou seguindo caminhos que levam a lugar nenhum. Penso também se realmente estou sendo um apoio seguro para estes alunos no desenvolvimento da sua aprendizagem e cidadania (P6).

O pensamento do professor citado é um convite para pensarmos sobre a natureza ética da prática educativa (FREIRE, 1996), que prevê o processo de ensino-aprendizagem pautado no diálogo, na escuta e respeito mútuo entre professores e alunos. Nesse caso, o educador é visto como um mediador da aprendizagem, porém, assumindo o papel de um companheiro de jornada sem perder sua autoridade, nem castrar a liberdade dos educandos. Com competência, segurança, generosidade e amorosidade, ele caminha com o estudante, ajudando-o a superar seus limites, entendendo, enfim, que “[...] ensinar exige estética e ética”, conforme ressalta Freire (1996, p. 32).

Percebemos ainda, na fala anterior de P6, o destaque dado à insegurança provocada na atividade de percorrer o caminho de olhos vendados. Outro colaborador também ressaltou essa questão do medo do desconhecimento quanto à direção a ser seguida e de ter que ficar à mercê da condução do colega, como podemos constatar no excerto adiante:

A primeira sensação em um momento desses é de muita insegurança: você não sabe qual o próximo passo que você vai dar, que direção você vai tomar, para onde ir. Você é totalmente dependente daquela pessoa que está do seu lado; e, quando você não sabe para onde ir, é muito difícil. Vencer isso aqui (andar pela cidade de olhos vendados) é um desafio muito grande (P8).

Os pontos desafiadores focalizados pelos docentes revelam a ideia de que, embora sob a mediação de outros, o conhecimento é algo muito singular a quem se aventura a aprender com base na reflexão sensível e sistemática dos fenômenos e objetos circundantes. Nessa dinâmica, a interação reflexiva com os pares é algo relevante, que possibilita compreendermos a reflexão como:

Um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão aflitivos e tênues quanto os nossos (MATURANA; VARELA, 2001, p. 29-30).

É possível fazermos uma leitura sobre a importância da construção de práticas de formação docente fundadas em estratégias colaborativas entre os pares, na tentativa de superação dos individualismos, ainda marcantes nas relações estabelecidas na escola. Compreendemos, assim, que a colaboração é “um processo que pode ajudar a entender a complexidade do trabalho educativo e dar respostas melhores às situações problemáticas da prática” (IMBÉRNON, 2010, p. 65).

A partir do exercício realizado, podemos observar que, geralmente, a leitura diária da cidade, mesmo de olhos abertos, é realizada de modo automático, sem a reflexividade inerente ao sentir. Ao proporcionar atividades de formação estética, como a que foi desenvolvida na pesquisa, a sensibilidade e a reflexão sobre a docência foram aguçadas.

Dessa forma, acreditamos que a experiência realizada provocou em todos, pesquisadores e colaboradores, transformações estéticas ao proporcionar novos olhares e sentidos sobre o ser e fazer docente, mediados pela relação sensível com a cidade em que habitam.

Considerações finais

A discussão sobre patrimônio cultural na relação com a formação estética de professores foi o objetivo principal deste estudo. Nesse sentido, a pesquisa alcançou o objetivo ressaltado, permitindo conhecer a concepção de docentes do ensino

básico sobre patrimônio cultural, com enfoques acerca do patrimônio cultural de Barbalha, no Ceará.

Também se registrou alguns elementos reflexivos sobre a docência, emergentes do exercício do sentir a cidade, por meio de uma atividade em que os professores andaram de olhos vendados por ruas da cidade de Barbalha, próximas a escola em que trabalham. O exercício consistiu em uma das atividades realizadas no Círculo Estético-Dialógico, desenvolvido como um curso investigativo-formativo sobre patrimônio cultural e formação estética docente.

Em relação às concepções dos professores acerca de patrimônio cultural, observamos que eles entendem o patrimônio como uma construção que integra valores, que guarda a história de um povo e envolve pertencimento. Isto é, como uma herança cultural produzida pelo homem, identificada na forma de prédios, monumentos, na arte das construções arquitetônicas, com a perspectiva de que cada geração atribui novos valores e significados que interferem na preservação patrimonial.

Ao enfocarem o patrimônio cultural de Barbalha, as manifestações culturais mais recorrentes foram: o carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio, a Igreja do Rosário e as edificações históricas da cidade. Além disso, nos olhares lançados sobre a cidade, esta foi destacada como a terra dos verdes canaviais, de fontes de água límpida e cristalina, dentre outros aspectos.

As visões emergentes no decorrer da pesquisa possibilitam entender que a cidade contém elementos históricos, culturais e sociais que podem ser trabalhados como conteúdos escolares. Além disso, vislumbramos a ideia de que o ato de refletir sobre a cidade e seu patrimônio ajudam na construção de uma consciência crítica sobre a necessidade de preservação do patrimônio cultural que integra o lugar em que habitamos.

Podemos dizer ainda que a formação no Círculo Estético-Dialógico promoveu um novo olhar sobre a cidade de Barbalha e seu patrimônio cultural. De maneira geral, o curso formativo-investigativo valorizou e fortaleceu a concepção de patrimônio cultural dos participantes, além de contribuir para que eles elaborassem um olhar mais sensível sobre a cidade, o que reverberou na leitura crítica deles sobre a docência que os constitui.

Dessa maneira, na formação sublinhada, os significados produzidos a partir da dinâmica de percorrer a cidade de olhos vendados, ao recorrer a dimensões estéticas, ajudaram a (des)vendar elementos antes não enxergados pelos professores. A experiência fez emergir analogias da atividade com formulações sobre a profissão em exercício, provocando sentidos da docência no (des)vendar da cidade.

Os sentidos produzidos podem ser sintetizados em ideias, como a necessidade de exercitarmos nossa sensibilidade para o novo; a percepção de que é preciso respeitar os limites dos alunos, revigorando o elo necessário entre ética e estética como dimensões fundamentais ao trabalho educativo; a perspectiva de que o professor é um condutor da aprendizagem do estudante em sala de aula, sem perder a autoridade e a ternura; o sentimento de insegurança ao sermos conduzidos por outro e não termos controle sobre a direção tomada, aflorando a ideia de que a formação docente necessita ser norteada por perspectivas mais colaborativas, pautadas em vínculos de confiança e solidariedade.

Com base nas reflexões elaboradas no estudo, consideramos a importância de integrar discussões sobre patrimônio cultural e educação estética docente nos currículos da formação inicial e continuada de professores, valorizando também a cidade como espaço educativo. De fato, com base na formação estética, a leitura sensível e sistemática da cidade pode gerar implicações na maneira como os professores enxergam e vivem a docência no lugar em que moram e trabalham.

Desse modo, a formação continuada proporcionada aos docentes na pesquisa realizada articulou a leitura sobre patrimônio cultural e a prática do sentir espaços da cidade em que habitam. A atividade foi mediada pela formação estética, o que ajudou a aguçar o olhar sensível dos professores. Nesse processo, temas importantes emergiram e contribuíram para vislumbrar perspectivas dos professores sobre a docência no (des)vendar da cidade.

Os sentidos atribuídos à docência a partir da relação dos professores com a cidade instigam a reflexão de que é preciso ver a cidade e a docência além do que os olhos enxergam, movidos por um processo de superação das aparências e do automatismo vigente nas práticas formativas mecanicistas. A educação estética pode ser um caminho epistemológico e metodológico potencial para a ampliação do

olhar subjetivo, pautado na formação sensível que permite interpretar o mundo pelas lentes de uma Pedagogia dos sentidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. É. L. **Hoje tem espetáculo?** Saberes e fazeres teatrais de professores de uma escola pública. Fortaleza: Realce, 2008.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília, DF: Liber, 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2. ed. Curitiba: Criar, 2003.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que Arte-Educação?** 20. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

FRANÇA, T. M. S. **Educação estética e patrimônio cultural: uma experiência de formar formando na cidade de Viçosa do Ceará-CE**. 2017. 373 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

FRANCO, M. A. S. A Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, fasc. 3, p. 483-502, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

HENNING, Priscila. A pós-modernidade e o patrimônio cultural edificado: questões contemporâneas e seu impacto na formação do cidadão. **Revista Dialectus**, Ano 10, nº 22, p. 64 -83, jun. 2021.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília, DF: Iphan: Museu Imperial, 1999.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília, DF: Liber, 2008.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LE GOFF, J. **Memória**. Lisboa: 70, 1981.

LOPONTE, L. G. **Tudo isso que chamamos de formação estética**: ressonâncias para a docência. Revista Brasileira de Educação. v.22 n.69 abr-jun.2017.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MELO-RODRIGUES, H. **Patrimônio cultural de Barbalha na formação estética de professores do ensino básico**: elementos do Círculo estético-dialógico. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1995. p. 15-34.

SALES, J. A. M.; ARRAIS, G. A.; FARIAS, I. M. S.; O museu virtual de arte como espaço de educação estética. **Roteiro**, Joaçaba, v.39, n.2, p. 487-514, jul/dez. 2014.

SALGADO, Marina. **Olhares sobre o patrimônio**: a busca de significados da paisagem. 2017. 330f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

TERRIEN, J. O saber social da prática docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 46, p. 408-418, 1993.